

UNIÃO: COMO ELA É PERCEBIDA ATRAVÉS DAS EXPECTATIVAS E IDEALIZAÇÕES DE HOMENS E MULHERES

HOW MEN UNDERSTAND UNION BY MEANS OF MEN AND WOMEN'S EXPECTATIONS AND IDEALIZATIONS

Cláudio Edward dos Reis¹
Matheus José Cuzato Mancuso²

RESUMO: Em nosso trabalho pretendemos analisar como a união é percebida por homens e mulheres a partir de suas idealizações e expectativas. Como objetivo pretendemos pesquisar como o discurso da sociedade atual sobre união é interpretado, absorvido e vivenciado pelos casais que estão unidos há um determinado tempo e aqueles indivíduos que pretendem estabelecer uma união estável, bem como, de que maneira há uma correspondência entre a visão romântica da relação entre pares e a realidade experimentada pelos indivíduos. Mais especificamente, nossos objetivos serão identificar quais influências as mudanças sociais trazem para a conjugalidade; pesquisar quais expectativas os indivíduos trazem para a relação conjugal; estabelecer se a condição de gênero influi nas expectativas de relacionamento e analisar até que ponto e de que maneira essas expectativas contribuem para a geração e manutenção dos conflitos conjugais.

Palavras-chave: Amor romântico. Expectativas. Idealizações. Sociedade contemporânea. União.

ABSTRACT: In this work we intend to study how union is understood by men and women from their idealizations and expectations. We aim to survey how the contemporary society discourse about union is interpreted, absorbed and experienced by couples who are united for a certain time and those individu-

¹ Prof. Assistente Doutor Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - Campus de Assis.

² Discente do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras - UNESP - Campus de Assis.

als who intend to establish a stable union, as well as whether there is a connection between the romantic view of peer relationships and the reality experienced by people. In other words, we aim to find out which influences the social changes bring to the conjugal relationship and what expectations they bring to it, to establish if the gender affects the relationship expectations, and analyze to which extent and how these expectations contribute to the development and maintenance of conjugal conflicts.

Keywords: Romantic Love. Expectations. Idealizations. Contemporary Society. Union.

1 Introdução

Idealizações, expectativas e frustrações são comuns a quase todos os seres humanos. Quando um indivíduo está frente a uma determinada situação, cria-se um ideal (por se desejar algo) e, então, geram-se expectativas referentes a essa idealização, bem como frustrações por não se atingir esse ideal.

Em nosso trabalho pretendemos analisar como a união é percebida por homens e mulheres a partir de suas idealizações e expectativas. Tomamos aqui como união o relacionamento afetivo entre homens e mulheres que possuem um nível de estabilidade em sua relação amorosa. Dessa maneira, consideramos como forma de união o namoro, o casamento e a união estável.

O namoro define-se por uma relação afetiva entre duas pessoas que desejam se conhecer mais intimamente, com o objetivo de talvez fazer perdurar tal relação, tornando-a ou não legítima judicialmente por meio do casamento ou união estável. Esses últimos diferem um do outro em alguns aspectos.

A união estável é uma expressão que substitui o termo de concubinato. Seu reconhecimento como entidade familiar é um fenômeno jurídico novo em que os conviventes precisam ser vistos socialmente como um casal para que seja considerada união estável (em termos jurídicos) e, assim, incidir sobre eles os direitos e deveres

previstos por lei. Dentre esses, a união estável não exige legalmente a existência de filhos nem a coabitação entre os companheiros e, em caso de separação, o patrimônio comum é dividido por igual (50% para cada) (ENNES, 2006 apud FÉRES-CARNEIRO, 2010).

Já no casamento, os companheiros devem morar juntos e querer também constituir família. O que mais diferencia um tipo de união da outra é que para o casamento ser formalizado são necessários vários documentos e procedimentos, ao contrário da união estável, em que é preciso somente lavrar em cartório uma escritura pública (ENNES, 2006 apud FÉRES-CARNEIRO, 2010).

Dentro dos relacionamentos humanos como a união, por exemplo, podem existir idealizações e expectativas. A valorização do amor individual que surge no bojo da ideologia burguesa estabelece o ideal de casamento por amor (amor-paixão). Esse novo ideal de casamento impõe aos esposos que se amem ou que pareçam se amar e que tenham expectativas a respeito do amor e da felicidade no casamento. Essa imposição teve muitas consequências e contradições. Uma delas é que acabou criando uma armadilha para os casais na medida em que se acentuaram as “idealizações” e conseqüentemente os conflitos resultantes da desilusão pelo não atendimento das expectativas (ARAÚJO, 2002).

Por serem gregários, os seres humanos buscam a formação de pares conforme modelos e idealizações pré-estabelecidos. Segundo Jablonski (2001), a sociedade contemporânea é responsável por criar uma cultura que valoriza extremamente a importância do amor e da paixão numa visão “hollywoodiana” da afetividade, ou seja, ela defende a ideia de que um dia encontraremos um príncipe encantado ou uma princesa encantadora, com todas as qualidades possíveis e imagináveis de nossa alma gêmea. Dessa maneira, tornam sinônimos amor-paixão e casamento.

Segundo a mídia, o amor funciona como uma espécie de crachá que permite aos seus afortunados portadores entrarem em gratuitos aposentos com vista permanente para um paraíso nup-

cial terreno. Ela pode ainda contribuir para uma representação da nossa cultura, no sentido da criação de alguns modelos de relacionamentos que de alguma maneira podem ser seguidos. Mesmo se hoje os casais tentam construir novos paradigmas de relacionamento, a influência midiática pode vir a influenciar essas novas construções (JABLONSKI, 2001).

Entendendo-se a mídia como uma divulgadora de nossa cultura, história popular e literatura clássica, podemos observar que as meninas são fascinadas pelas histórias da Cinderela, da Bela Adormecida e da Branca de Neve, entre outras, nas quais o príncipe salva a mocinha e a leva à porta de seu castelo onde viverão felizes para sempre. Daí a criação de um ideal de final feliz que muitas mulheres sustentam. Já para os homens as metáforas sempre foram menos românticas e mais ligadas ao problema do equilíbrio de poder na relação conjugal. Para um casamento feliz, o homem deve ser o chefe e submeter os impulsos de independência e rebelião da mulher, de modo que não seja controlado nem manipulado (ANDOLFI, 2002).

Todavia, sabemos que essas fantasias criadas devido às histórias populares ou à literatura clássica não são realistas. A nossa sociedade geralmente oferece às famílias uma escolha entre dois modelos conceituais, sendo que nenhum deles funciona: famílias que agem como a família intacta da porta ao lado, glorificada nos seriados de televisão e nas novelas; e os padrastos e madrastas malvados dos contos de fadas (CARTER & MCGOLDRICK, 1995).

O início da caminhada de um casal é, em regras gerais, um extenso repertório de idealizações do tipo juras de amor eterno, paixão incessante, planos conjuntos, sonhos, etc. Nenhum casal que se une o faz objetivando ter prejuízos, perdas e sofrimentos.

Cada parceiro, ao se engajar na relação a dois, experimenta uma reconstrução de sua realidade individual e cria referências comuns e uma identidade conjugal (processo de construção de uma realidade comum). Esta relação é construída a partir de trocas ver-

bais e não verbais entre os parceiros que coordenam suas ações recíprocas no universo social de significado, comprometendo-se com a construção de uma história comum na qual as mudanças na pauta de ação de um dos cônjuges afeta o outro (FÉRES-CARNEIRO & NETO, 2010).

A sociedade impõe uma forte contradição de valores, crenças e pensamentos acerca desses relacionamentos. Vivemos um período de transição no qual o casal é estimulado a ficar unido, mas ao mesmo tempo, recebe uma série de estímulos no sentido de que as relações não são necessariamente duradouras.

Isso é percebido na concomitante estimulação para um gozo maior da sexualidade (onipresente nas mídias e nas artes) em contradição ao conviver com os ditames monogâmicos de uma relação a dois, ou ainda, a valorização da individualidade batendo de frente com a árdua manutenção da conjugalidade, e por fim, o apelo ao novo e à descartabilidade indo contra a noção de comprometimento inerente à opção de quem quer se casar (JABLONSKI, 2001).

As contradições e paradoxos presentes na forma de tratar os diversos assuntos revelam que estamos vivendo em uma fase de transição de papéis de gênero e de modelos relacionais. O momento é repleto de tensões – angústias e incertezas são sentimentos comuns nesse contexto. Predomina, entretanto, uma ideia de flexibilização das relações e de enriquecimento das possibilidades tanto para as mulheres quanto para os homens (DINIZ, 2010).

Neste cenário, ao contrário do que vinha sendo imposto pelo chamado casamento tradicional caracterizado pela monogamia, patriarcado, submissão feminina e um modelo formado de homem e mulher, percebe-se atualmente uma mudança acentuada e visível. Segundo Villa (2005), os relacionamentos sociais, em qualquer contexto e instituição social, não são estáticos; ao contrário, passam por mudanças que exigem novos posicionamentos e novas formas de se comportar. Podemos dizer que esse é o caso da união na medida em que passa por crises ao longo da vida do casal e por mudanças sociais

ao longo da história, com a necessidade de reformulação dos papéis de esposa, marido, pai e mãe na medida em que a sociedade muda e cria novas demandas de atuação dos indivíduos.

Novas formas de amar e se relacionar estão sendo construídas para responder às exigências dessa sociedade na qual os valores e as regras sociais estão sempre em mutação (ARAÚJO, 2002). Temos atualmente um modelo de união flexível por fugir à regra do modelo tradicional no sentido de que há a formação de pares não necessariamente “tradicionais”. Em nossa pesquisa, porém, nos restringimos apenas a casais heterossexuais para podermos observar as diferenças de se pensar em cada gênero.

Segundo Araújo (2002), o processo de “democratização das relações pessoais” no sentido de que as relações entre mulheres e homens dentro da união estão sendo construídas em bases mais igualitárias, numa perspectiva mais horizontal de relacionamento, pode ser considerado, também, um aspecto relevante presente nessas transformações. Esse processo afeta profundamente as representações e vivências da união. No contexto brasileiro, principalmente entre os segmentos médios urbanos mais intelectualizados, o casamento tradicional regido pela dominação masculina vem dando lugar a outra forma de casamento, em que a mulher reivindica igualdade e há uma constante negociação no relacionamento.

Dessa maneira, constata-se que ocorreram mudanças significativas nas funções sociais da união e nas expectativas dos parceiros para com a relação. Até meados do século XX prevaleceu a ideia de que o homem era destinado para a vida pública e a mulher para o mundo privado. Atualmente, porém, ambos têm expectativas de vivenciar uma relação marcada pela parceria econômica, pelo companheirismo e pela realização afetiva e sexual (DINIZ, 2010).

Hoje, então, os movimentos de mudança levam os casais a reverem suas idealizações sobre o amor e a união. As pessoas continuam buscando a felicidade na vida a dois mesmo com o crescente número de divórcios. Alguns especialistas defendem que o segredo

de um relacionamento conjugal estável está exatamente na capacidade de se desfazer das idealizações e não ter grandes expectativas. Logo, é preciso investir na relação com menos romantismo e mais realismo, construir juntos e administrar conflitos (ARAÚJO, 2002).

Portanto, a expectativa difundida pela sociedade de que o amor do casal é um passaporte para a felicidade é de difícil alcance e, conseqüentemente, se não atingida, produzirá frustrações. A frustração somada aos valores, crenças e pensamentos, em contradição à “democratização das relações pessoais”, pode se constituir em fator que gera conflitos para os cônjuges.

Nas pesquisas, o que é interpretado como uma distorção do processo cognitivo é o efeito emocional do sofrimento conjugal (GOTTMAN & NOTARIUS, 2002 apud FÉRES- CARNEIRO & NETO, 2010).

Para se entender uma distorção cognitiva, é necessário ter em mente dois conceitos importantes: crenças intermediárias e crenças centrais. O surgimento das crenças intermediárias e centrais ocorre durante a interação das crianças com pessoas significativas em suas vidas e estão associadas a fatores socioculturais. São ideias que uma pessoa tem sobre si mesma, sobre as pessoas de uma maneira geral, sobre o mundo e sobre relacionamentos, entre outros aspectos. Crenças mais centrais têm maior impacto sobre o pensamento de uma forma geral e são mais rígidas e mais difíceis de mudar do que crenças mais periféricas. Ambos os tipos podem ser inadequados, gerando-se assim uma distorção cognitiva que pode levar ao aumento de conflitos em um relacionamento amoroso (BECK, 1979 apud PEÇANHA & RANGÉ, 2008).

Considerando que cada parceiro origina-se de famílias distintas, com culturas diferentes e, por conta disso, com crenças centrais bem consolidadas, este estudo pretende observar como o conceito de crença é aplicado sobre as expectativas que se criam em torno dos casais, ou seja, como os entrevistados acreditam que deve ser o relacionamento.

Outro aspecto deste estudo diz respeito à tentativa de compreensão de como homens e mulheres estão lidando com aspectos difundidos pela sociedade, bem como de que maneira há uma correspondência entre a visão romântica da relação entre pares e a realidade experimentada pelos indivíduos e a forma como esses casais pensam, sentem e se comportam perante as contradições de nossa época.

Para tanto, faz-se necessário observar se os membros que formam um casal estão realmente inseridos nesse discurso que a sociedade rege e quais as influências que essas mudanças trazem para cada indivíduo e para o casal em si (conjugalidade), atentando-se para as diferenças de como homens e mulheres pensam sobre a realidade.

Considerando ainda que as relações de casais produzem expectativas individuais e conjuntas, investigaremos também as expectativas de um e de outro no que diz respeito ao que poderá ocorrer no relacionamento. As idealizações de cada um em relação à união, amor, crenças e valores, além do modo de pensar sobre o relacionamento, também serão estudadas nesta pesquisa.

O objetivo central consiste em pesquisar como o discurso da sociedade atual sobre união é interpretado, absorvido e vivenciado pelos casais que estão unidos há certo tempo e aqueles indivíduos que pretendem estabelecer uma união estável, bem como de que maneira há uma correspondência entre a visão romântica da relação entre pares e a realidade experimentada pelos indivíduos. Pretendemos ainda buscar quais influências as mudanças sociais podem trazer para a conjugalidade, pesquisar quais expectativas os indivíduos trazem para a relação conjugal, estabelecer se a condição de gênero influi nas expectativas de relacionamento e analisar até que ponto e de que maneira essas expectativas contribuem para a geração e manutenção dos conflitos conjugais.

Este trabalho de pesquisa foi desenvolvido por meio de estudo comparativo dos resultados da pesquisa de campo realizada com casais e indivíduos que pretendem coabitar. A técnica de coleta de da-

dos foi a entrevista semiestruturada. Os sujeitos da pesquisa foram casais que estão unidos ou prestes a unir-se maritalmente. Consideramos esta união como aquela regida pela legislação em vigor. Além das entrevistas também foi utilizado o levantamento bibliográfico sobre a temática em estudo.

A definição da amostra se dá por 06 (seis) indivíduos escolhidos aleatoriamente entre um casal que coabita há mais de dois anos e sem vínculo jurídico, um casal unido há mais de dez anos e dois indivíduos que estão planejando uma união estável conforme estabelece a legislação em vigor, totalizando 03 (três) casais.

As entrevistas foram realizadas nas dependências do Centro de Pesquisa e Psicologia Aplicada “Dra. Betti Katzenstein” (CPPA) da UNESP-FCL, campus de Assis, SP. A entrevista semiestruturada é uma combinação de perguntas fechadas e abertas em que os entrevistados têm a possibilidade de discorrer sobre tema proposto, sem respostas ou condições prefixadas pelo pesquisador (TURATO, 2003). Os sujeitos da pesquisa foram escolhidos por meio de amostragem por conveniência, ou seja, escolhemos as pessoas a serem entrevistadas na população que nos era mais acessível. O contato foi feito pessoalmente e combinado um dia e horário de acordo com a disponibilidade dos entrevistados. Foi firmado pelos entrevistados o termo de consentimento livre e esclarecido, conforme prevê as orientações para pesquisa com seres humanos do Comitê de Ética em Pesquisa.

Após o término da fase de coleta de dados foi feita uma transcrição das falas dos entrevistados. Logo após, as categorizações e subcategorizações, que consistiu na separação dos assuntos relevantes e na organização dos dados; em um último momento fizemos a apresentação dos resultados de modo descritivo e com citações das falas para exemplificar a teoria, preparando o material para ser discutido e interpretado. Dessa maneira houve a possibilidade de realizar a conclusão.

Devemos considerar que os resultados foram parcialmente alcançados a partir da análise das entrevistas, que favoreceu uma aproximação mais acurada com a realidade dos casais entrevistados e corroborou a proposta inicial desta investigação. Um ponto deste estudo diz respeito à tentativa de compreensão de como homens e mulheres estão lidando com aspectos de modelos de relacionamentos difundidos pela sociedade, ou seja, como o discurso atual sobre união é interpretado, absorvido e vivenciado pelos sujeitos.

O que a sociedade nos impõe atualmente é uma forte contradição de valores, crenças e pensamentos acerca desses relacionamentos. Vivemos um período de transição no qual o casal é estimulado a ficar unido, mas ao mesmo tempo, recebe uma série de estímulos no sentido de que as relações não são necessariamente duradouras. Isso pode ser percebido na fala de uma entrevistada:

“Eu acho que hoje em dia se tem mais chance, tá mais aberto pra dar certo, e ao contrário, cada vez dura menos o casamento”

Ela ainda associa a quantidade e as formas de informação que se tem hoje sobre relacionamentos com o fato de que as uniões afetivas poderiam ser mais duradouras:

“E hoje em dia, tá tudo mais aberto pra viagem, né, tem informação, tem tudo lá, tem vídeos, tem debates na TV, tem um monte de informações.”

Na fala de outros entrevistados, podemos perceber certa confusão ao tentar se encaixar em um modelo de relacionamento. Isso se deve ao fato de que estamos vivendo em um período de transição no qual estão se criando novos modelos de relacionamento:

“Assim, pra mim, o fato de estar morando junto com ele seria uma coisa, assim, moderna, só que, por exemplo, a gente quer casar, a gente

quer formar uma família, mas, depois, né (...) pra frente eu vou ter aquilo que, tipo, mais tradicional mesmo, casamento, essas coisas, então é meio que uma mistura...”

“É tradicional em alguns sentidos, mas, por outro lado, não, é tradicional, mas carrega várias influências dessa contemporaneidade, no sentido de que o... Por exemplo, a Q. de modo algum é uma mulher submissa, a Q. de modo algum é uma mulher que não tem voz, sabe, então, manda mais que eu cara (risos)... É isso aí, sabe, olha a cultura tradicional aí: manda mais que eu... Porque que alguém tem que mandar, entendeu...”

Dessa maneira, podemos perceber que novas formas de amar e se relacionar estão realmente sendo criadas com base em um modelo de união flexível por fugir a regra do modelo tradicional, que se caracteriza pela monogamia, patriarcado e submissão feminina, entre outros. Esta flexibilidade da união traz mudanças acentuadas e visíveis nos papéis e funções sociais de homens e mulheres, como também transformações nas relações, passando por reformulações ao longo da história:

“A mulher trabalha, mulher não tem que se submeter a nada, ela cozinha e eu cozinho, eu lavo louça mais que ela até, lavo, lavo roupa, tudo, sabe, não tem muito, acho que tem algumas características sim desses novos valores que estão chegando...”

“Também, o fato que ajuda muito é que a mulher precisa trabalhar, ajuda muito, mulher em casa não evolui...”

“Porque hoje em dia na minha opinião eu acho que os casais contemporâneos tem que ter filhos pra mais dos 30 anos, eu particularmente, se eu fosse pensar em ter filho, depois dos 35 anos...”

“Hoje qualquer coisa já tá morando junto e pronto, né, agora, naquela época já não, tinha um conceito de se preparar, de conhecer a pessoa, tanto que tinha que conhecer parte da família dela, e ela parte da família da gente...”

“A gente vê hoje, se você conhece uma pessoa hoje é aquilo, aí depois você já tá junto com ela, já tá dormindo junto, já tá tendo relações ou vai pensar em casar, às vezes pode ser que dê certo o casamento pra sempre, mas às vezes pode ser que não...”

Dentro desses novos modelos de união, existe uma “democratização das relações pessoais” no sentido de que há maior igualdade tanto na questão de funções (já citado acima) como na questão da afetividade e constante negociação entre os parceiros:

“Vou lá pra Bonito, não sei o que vai dar, meu marido: o que a gente vai fazer lá? Ele falou que eu vou ver as costas dele (risos), mas eu queria ir, mas sozinha eu não tenho coragem, então, a gente divide em dois e tirou dois, aí eu falei assim: vamos dividir, eu cedo em um, você cede no outro, aí fica um só com um, se não vou eu, eu vou descer o rio lá, eu vou...”

“Ele é meu melhor amigo, uma pessoa, assim, que eu consigo confiar tudo que acontece, consigo falar meus medos, essas coisas, e falo o que eu tô pensando, não tenho medo, assim, pode confiar...”

“Eu sempre gostei de morar na praia, sempre, sempre gostei de morar na praia, adoro praia... Mas, a gente tem que conciliar as duas coisas né, a gente fez o sonho dela né, vamos ver mais pra frente, né, se der eu realizo o meu...”

“Que eu comecei a namorar ele partindo de uma amizade assim, muito forte, que eu tinha com ele, e aí a gente começou a gostar um do

outro e foi assim, então sempre teve essa cumplicidade mesmo entre a gente, a abertura de falar tudo assim...”

“Eu acho que é aquela questão da estabilidade, eu acho que a partir do momento que você percebe que você não pode ser superior as outras pessoas, acho que aí que o relacionamento vai durar, essa questão de os defeitos serem trabalhados pelos dois, as qualidades serem trabalhadas pelos dois, eu acho que é uma questão de igualdade mesmo, eu acho que se existir essa questão da igualdade, eu acho que o relacionamento vai muito pra frente assim, vai pra sempre, se é que a gente possa dizer, num tempo indeterminado...”

Outro ponto deste estudo refere-se à tentativa de perceber se há uma correspondência entre a visão romântica da relação entre pares e a realidade experimentada pelos indivíduos e, se ocorre, de que maneira ela pode ser.

Essa visão romântica da relação é criada pelos discursos de nossa sociedade contemporânea, responsável por instituir uma cultura que valoriza extremamente a importância do amor e da paixão em uma visão “hollywoodiana” da afetividade. A mídia e outros meios de comunicação contribuem muito para isso, ao passo que defendem a ideia de que um dia encontraremos um príncipe encantado ou uma princesa encantadora, com todas as qualidades possíveis e imagináveis de nossa alma gêmea (JABLONSKI, 2001).

Todavia, em nossa pesquisa pudemos perceber que os entrevistados, ao menos em seus discursos, não foram totalmente influenciados por essa visão contemporânea:

“Bom, eu sou do tempo do príncipe encantado né, então era aquela coisa, namoro né, namoramos por sete anos, né, comecei bem jovem né, ainda na fase que aí pra pegar na mão demorava, aí, o primeiro beijo, aí né, então, era mais ou menos assim né... Então é... É, assim, é... ficava sonhando né, com o príncipe encantado, que ia casar, que ia viver naquela beleza (...) Mas era assim... era um sonho, então ia, tinha que

dar tudo certo, ia né... Aí depois que a gente casa e... Não decepção, vê a realidade, o dia a dia, é outra coisa né... Não que o amor acabe, não, só direciona pra um outro canal, né..."

"Às vezes a pessoa é... Igual a evolução das novelas, da televisão, muito daquilo, príncipe encantado, aquele negócio todo que na realidade não existe, né, se você que for por os pingos nos is, é você que faz o príncipe encantado e não o coreto, né..."

"A questão da confiança, de realmente entender a outra pessoa, do diálogo, eu acho que é isso que faz o relacionamento durar, não é nem tanto a questão daquela coisa do, da resposta crua, sabe, do que faz o relacionamento feliz, é o amor..."

Portanto, vemos que a correspondência entre essa visão e a realidade se dá de maneira mais realista, ou seja, não leva o sujeito a acreditar por completo nesses modelos pré-estabelecidos criados pelos meios midiáticos.

Considerando que cada parceiro origina-se de famílias distintas, com culturas diferentes e, por conta disso, com crenças centrais bem consolidadas, outro ponto deste estudo pretende observar como o conceito de crença é aplicado sobre as expectativas que se criam em torno dos casais, ou seja, como os entrevistados acreditam que deva ser o relacionamento.

Temos dois conceitos essenciais que devem aqui ser reforçados para uma melhor compreensão: crenças intermediárias e crenças centrais. O surgimento das crenças intermediárias e centrais ocorre durante a interação das crianças com pessoas significativas em suas vidas e estão associadas a fatores socioculturais. São ideias que uma pessoa tem sobre si mesma, sobre as pessoas de uma maneira geral, sobre o mundo e sobre relacionamentos, entre outros aspectos. Crenças mais centrais têm maior impacto sobre o pensamento de uma forma geral e são mais rígidas e mais difíceis de mudar do que

crenças mais periféricas (BECK, 1979 apud PEÇANHA & RANGÉ, 2008).

Deste modo, podemos perceber como os entrevistados entendem o relacionamento:

“Valores éticos... ah, o básico (risos)(...) E, é isso né, é, respeitar, é lógico, o nosso companheiro, sabe, é ter um limite pra tudo né, até pra brincadeira, tudo, mas, é...”

“Acho que a gente tá bem enraizado nesses valores que foram passados pra gente, quando éramos pequenos...”

“Vivendo juntos, investindo assim na parte tanto amorosa...”

“Companheirismo, lealdade, abertura com a pessoa, a questão de confiar pra falar tudo, entender o lado da pessoa, acompanhar a pessoa, não só nas coisas que você gosta em conjunto, mas também as coisa que você não gosta...”

“Eu acho que um relacionamento... Ele se faz, se constrói numa relação de reciprocidade, de reciprocidade em que, tanto você se doa, quanto a pessoa se doa (...) é quase que um completa o outro, um acaba subjetivando o outro nesse processo, porque a partir do momento que só tem uma coisa de um lado, não é uma união isso né, e... (...) É compromisso, companheirismo, intimidade, reciprocidade, e claro, afinidade, né, você tem que ter afinidade por uma pessoa que tá com você, porque se você não gostar das mesmas coisas que ela, se você não tiver gostos em comum com essa pessoa fica complicado também...”

“E eu vejo que assim, isso não pode existir, não pode ter uma hierarquia dentro do casal, os dois tem que... Os dois vivem juntos, só que eles não podem ter a mesma vida, os dois tem que ter vidas diferentes,

cada um vai ter suas próprias ideias, suas próprias crenças, mas, em união, não pode existir essa questão de eu sou isso e você é isso e tá bom, ah então eu sou melhor e você é pior, eu mando em você, eu ganho mais, não sei o que... (...) a questão da confiança, de realmente entender a outra pessoa, do diálogo, eu acho que é isso que faz o relacionamento durar...”

“Eu acho que tem que ter primeiro amizade, amizade e confiança, porque se não tiver confiança é muito difícil que dê certo, né, então acho que tem que ter confiança, uma amizade pra você poder contar suas coisas sem poder ter medo, sabe, contar, saber que você vai ser criticado, mas pra seu bem, sabe, tipo, ele vai te ajudar de qualquer jeito e eu acho que tem que ter também, bom, paciência, e uma coisa que eu acho importante é você não depender da outra pessoa, você não ficar dependente...”

Considerando que a relação do casal produz expectativas e idealizações individuais e conjuntas, outro ponto deste estudo refere-se às expectativas de um e de outro no que diz respeito ao que poderá ocorrer no relacionamento, assim como suas idealizações, ou seja, o que os parceiros esperam e o que imaginam para sua união.

Como estamos percebendo, mudanças significativas nas funções sociais da união estão ocorrendo, e isso faz com que as expectativas dos parceiros para com a relação também se transformem. Até meados do século XX prevaleceu a ideia de que o homem era destinado para a vida pública e a mulher para o mundo privado. Atualmente, porém, ambos têm expectativas de vivenciar uma relação marcada pela parceria econômica, pelo companheirismo e pela realização afetiva e sexual (DINIZ, 2010):

“Olha, eu acredito que uma vi... Tinha meta, lógico, de casar, construir um lar, fazer uma família, ia trabalhar, ia construir uma casa e depois ia ter filhos, né, mais ou menos, a gente era preparado pra isso né...”

“Ah, não sei assim... Lógico que eu tenho os meus planos antes de tudo isso né, mas, é, sempre quando eu converso com ele disso a gente tá sempre pensando ele junto comigo, assim, quando a gente acabar a faculdade (...) depois pretendo casar, ter, assim, no máximo uns dois filhos, é isso assim... Ter minha casa, viajar junto, nós dois tendo trabalhos estáveis, tudo isso...”

“O que eu espero, na verdade, é, são etapas, né, então, por exemplo, eu espero que primeiramente eu tenha uma consolidação dos meus objetivos profissionais, e aí isso vai tá mais atrelado a uma visão no futuro no sentido de estabelecer uma união mesmo no sentido de morar juntos, então, acredito que um pouco isso, acho que são etapas, primeiro você, a gente se firmar profissionalmente, depois a gente pode, não que a gente não possa morar juntos nesse meio tempo, claro que pode, mas eu acho que, por exemplo, pensar em outras coisas além disso só depois de uma estabilidade financeira, estabilidade profissional...”

“Ah, que a gente desse certo, assim, que a gente conseguisse entender um ao outro, sabe, sem tá relação de dependência, que a gente conseguisse ser feliz juntos, mas ao mesmo tempo não precisava ficar juntos o tempo inteiro, né... Mas, é, tendo uma relação assim de amizade mesmo, essas coisas, que eu acho bem importante...”

Logo, no que se refere às idealizações, uma entrevistada mencionou que na época em que casou havia um ideal de casamento e se acreditava em encontrar um príncipe encantado e viver feliz para sempre:

“Bom, eu sou do tempo do príncipe encantado né, então era aquela coisa, namoro né, namoramos por sete anos, né, comecei bem jovem né, ainda na fase que aí pra pegar na mão demorava, aí, o primeiro beijo, aí né, então, era mais ou menos assim né... Então

é... É, assim, é... ficava sonhando né, com o príncipe encantado, que ia casar, que ia viver naquela beleza...”

Apesar desse discurso, podemos constatar que os casais estão revendo o que idealizam e investindo na relação com mais realismo e menos romantismo:

“Aí, eu queria que fosse uma coisa assim que desse certo, eu não tava imaginando muita coisa assim, porque eu realmente aprendi a parar de idealizar, sabe, então eu tava assim, ah, tomara que dê certo, mas se não der certo também não posso fazer nada, até mesmo que não tava imaginando que chegaria tão longe quanto chegou...”

“Ah, pro futuro, é isso, eu pretendo... Casar eu não sei, mas por... Casamento assim, por exemplo, eu não pretendo mudar o meu nome, nem nada assim... Pretendo sim, morar junto, casar, às vezes no papel, assim, lógico ter filhos, é isso...”

“E hoje eu não vejo motivos pra terminar com ela e ela também não vê, sabe, a gente consegue se ver num futuro, não é aquela questão de começo de namoro, sabe, que você fala: nossa, que lindo, eu vou casar com ela, vou viver minha vida... Não é mais aquela questão, é uma questão muito mais consciente, de eu poder enxergar pra frente com ela, sabe, não é uma questão de amorzinho, é uma questão totalmente sã, de total consciência de que é isso que eu quero na minha vida e consigo enxergar pra frente...”

“Então, tinha mais essa noção naquela época, né, em relação à amizade depois se tornasse um amor e uma vida conjugal, que pudesse levar pra frente...”

“Antes de casar a gente pretende morar juntos, porque eu já conversei isso com ela, eu não acho legal esse negócio de namora,

casa e vai morar junto, a experiência de morar juntos pela primeira vez, sabe, então assim, o que eu idealizo é sair daqui, quando a gente começar a construir outras coisas, morar juntos, e depois ou fica daquele jeito ou quem sabe até selar assim uma união mais burocrática vamos dizer...”

Outra questão que nos propusemos a estudar foi até que ponto e de que maneira as expectativas contribuem para a geração e manutenção dos conflitos, já que o que a sociedade propõe, que é o amor do casal como um passaporte para a felicidade, muito provavelmente não pode ser alcançado.

Como já citado acima, quando pretendemos observar de que maneira havia uma correspondência entre a visão romântica entre pares e a realidade experimentada pelos indivíduos, podemos perceber que tanto os homens quanto as mulheres entrevistadas, pelo menos em seus discursos, não foram influenciados por essa visão contemporânea.

Dessa maneira, por não possuírem expectativas e nem mesmo idealizações irrealistas, os entrevistados relataram apenas sobre problemas e dificuldades corriqueiras que não se encaixam com o que procurávamos neste ponto da pesquisa. Creditamos isso ao fato de que as pessoas estão investindo em suas relações com mais realismo e, conseqüentemente, com menos romantismo.

2 Conclusão

Em nossa pesquisa, portanto, percebemos questões importantes sobre como o discurso da sociedade atual sobre união é interpretado, absorvido e vivenciado pelos entrevistados. Disso, observamos que novas formas de amar e se relacionar estão realmente sendo criadas, fugindo aparentemente do modelo dito tradicional e caminhando para uma união mais flexível. Dentro deste tipo de união há a chamada “democratização das relações pessoais” por

haver maior igualdade entre homens e mulheres tanto nos papéis e funções sociais quanto na questão afetiva e uma constante negociação entre ambos.

Podemos observar ainda a associação da quantidade e as formas de informação que se têm hoje sobre relacionamentos com o fato de que as uniões afetivas poderiam ser mais duradouras. Vimos ainda que há certa confusão ao tentar se encaixar em um modelo de relacionamento, e isso se deve ao fato de que estamos vivendo em um período de transição, no qual estão se criando novos modelos de relacionamento.

Ao buscarmos saber de que maneira há uma correspondência entre a visão romântica da relação entre pares e a realidade experimentada, pudemos perceber, por meio dos discursos dos entrevistados, que a realidade deles não foi totalmente influenciada por essa visão contemporânea. Acreditamos que isso se deve ao fato de que tanto os homens quanto as mulheres não estão criando expectativas e idealizações que não correspondem com a realidade, ou seja, estão investindo na relação com mais realismo e menos romantismo. Isso também os ajuda a não ter conflitos, pois não almejam um relacionamento extremamente baseado na felicidade e perfeição.

Percebemos ainda o fato de que hoje é possível a manutenção de uma união duradoura apesar da mídia e de outros meios de comunicação valorizar os opostos, ou seja, de estimular as pessoas a ficarem juntas em um relacionamento promissor e com constante felicidade e, ao mesmo tempo, dar ênfase a questão da sexualidade, idolatrando corpos esculturais. Em nossa, pesquisa pudemos constatar por meio do discurso dos entrevistados que tanto os homens quanto as mulheres acreditam que se houver diálogo, lealdade, respeito e companheirismo, a relação pode durar o tempo que for.

Deste modo, percebemos que as mudanças trazem influências para os homens e para as mulheres, bem como para o casal em si (conjugalidade). Podemos concluir, então, que segundo os discursos de nossos entrevistados, a condição de gênero não influencia de ma-

neira significativa as opiniões sobre o que propomos, ou seja, tanto os homens quanto as mulheres possuem visões semelhantes sobre os itens que foram levantados.

Referências

ANDOLFI, M. (Org.) **A crise do casal:** uma perspectiva sistêmico-relacional. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ARAÚJO, M. F. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 22, n. 2, p. 70-77, 2002.

BRASIL. **Novo Código Civil.** Lei nº 10.403 de 10 de janeiro de 2002. Brasília, DF, 2002.

CARTER, B. & MCGOLDRICK, M. **As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar:** Uma Estrutura para a Terapia Familiar. 2ª Ed. Porto Alegre: ArtMed, 1995.

DINIZ, G. O casamento contemporâneo em revista. In: FÉRES-CARNEIRO, T. **Casal e Família:** Permanências e rupturas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. capítulo 8, p. 135-155.

FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.) **Casal e Família:** Permanências e rupturas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

FÉRES-CARNEIRO, T.; NETO, O. D. Construção e dissolução da conjugalidade: padrões relacionais. **Paidéia**, v. 20, n. 46, p. 269-278, 2010.

JABLONSKI, B. Atitudes frente à crise do casamento. In: FÉRES-CARNEIRO, T. **Casamento e Família:** do social à clínica. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2001. p. 81-95.

PEÇANHA, R. F.; RANGÉ, B. P. Terapia cognitivo-comportamental com casais: uma revisão. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 4, n. 1, 2008.

TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa:** Construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

VILLA, M. B. Habilidades Sociais no Casamento: Avaliação e contribuição para a satisfação conjugal, 2005, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

